

Amizade e cuidado entre gerações na cultura popular brasileira

*Friendship and intergenerational care
in Brazilian popular culture*

*Amistad y cuidado entre generaciones
en la cultura popular Brasileña*

Conceição de Maria Goulart Braga Cuba
Irene Rizzini

RESUMO: Este artigo tem como foco um tema pouco analisado no escopo da produção acadêmica sobre Direitos Humanos: a amizade e o cuidado entre gerações na cultura popular. Tem como base uma pesquisa que buscou compreender a amizade como perspectiva de cuidado mútuo e expansão do exercício da cidadania entre crianças, adolescentes e idosos. As autoras discutem a importância da amizade e do cuidado entre as gerações, mostrando que ambos fortalecem o direito à convivência familiar e comunitária dos atores envolvidos.

Palavras-chave: Cuidado Intergeracional; Amizade; Direitos.

ABSTRACT: *This article has as its focus a theme that is hardly analyzed in the academic production on Human Rights: friendship and intergenerational care in popular culture. The article is based on a research that discussed friendship as mutual care and expansion of the practice of citizenship among children, youth and senior citizens. The authors discuss the importance of friendship and intergenerational care, revealing that they strengthen the right the involved actors have to live in family and community contexts.*

Keywords: *Intergenerational Care; Friendship; Rights.*

RESUMEN: *El presente artículo tiene como foco central un tema poco analizado en el campo de la producción académica brasileña sobre Derechos Humanos: la amistad y el cuidado entre generaciones de la cultura popular. Tiene como sustento una investigación que procuró comprender la amistad como perspectiva de cuidado mutuo y expansión del ejercicio de la ciudadanía entre niños, adolescentes y adultos mayores. Las autoras discuten la importancia de la amistad y del cuidado entre las generaciones, mostrando que ambas fortalecen el derecho a la convivencia familiar y comunitaria de los actores involucrados.*

Palabras clave: *Cuidado intergeneracional; Amistad; Derechos.*

Introdução

O presente artigo analisa o exercício do cuidado, resultante do estreitamento da amizade entre gerações, no desempenho do *Bumba meu boi*, forte expressão da cultura popular tradicional do Maranhão. Essa manifestação cultural, oriunda das classes populares, constitui espaço de amizade intergeracional, resistência, cidadania e respeito aos idosos como guardiães dessa tradição, transmitindo-a de geração a geração.

A cultura é aqui entendida como “[...] um conjunto de práticas, ideias e sentimentos que exprimem as relações simbólicas dos homens com a realidade (natural, humana e sagrada)”. Práticas e ideias essas: “[...] produzidas por grupos que se especializam em diferentes formas de manifestação cultural [...]” (Chauí, 1985, p. 11). Nesse sentido, parece-nos correto denominar a especificidade da manifestação cultural de um determinado grupo como uma forma de cultura popular.

Cultura popular é uma categoria de conceito impreciso, heterogêneo, sendo foco de debates diversos. A heterogeneidade que permeia o seu conceito requer que seja pronunciada no plural, *culturas populares*, esclarece Assunção (1999, p. 63), que compreende cultura popular como “um complexo conjunto de subsistemas parcialmente sobrepostos e relacionados, contendo elementos tanto de ideologia ‘contra hegemônica’, quanto da ideologia dominante”. A cultura popular é expressa de diversas formas e se

reinventa, em um processo de trocas diversas entre os gêneros, as classes, as raças e outras diferenças, daí a complexidade e imprecisão em seu conceito.¹

As reflexões a seguir têm como base uma pesquisa realizada com o objetivo de compreender a importância da intergeracionalidade entre idosos, crianças e adolescentes², para o exercício do direito a ter direitos ou cidadania arendtiana (Arendt, 2002) dessas gerações, envolvidas na manifestação da cultura popular em São Luís do Maranhão.

Arendt (2002) entende que, desde seu nascimento, os sujeitos são portadores de cidadania, ou seja, enquanto sujeitos livres e, pelo nascimento, têm direito a ter todos os seus direitos concretizados. Nesse sentido, podemos dizer que, desde a mais tenra idade, já se constituem sujeitos de direitos. O estudo envolveu os grupos denominados *Boi Estrela do GEN*, da Associação Amigos do GEN (AAGEN) e *Boi Brilho do SESC*, do Serviço Social do Comércio (SESC-Deodoro em São Luís do Maranhão)³, onde desenvolvem uma iniciativa muito interessante, inovando formas de amizade e de cuidado.

A escolha destes dois grupos se deu por observamos claramente a presença da amizade no que tange à interação entre idosos, crianças e adolescentes, assim como a questão de alguns direitos firmados nas políticas públicas para idosos, que esses grupos realizam, nas esferas da cultura, do lazer e da educação. Além de sua diversidade, enquanto o SESC reúne mulheres idosas, a AAGEN atrai tanto mulheres como homens idosos. O SESC é uma instituição estabelecida com recursos, ao passo que a AAGEN é uma associação de idosos, mantida com a contribuição dos associados e, que resiste, apesar do Programa GEN, do qual se originou, ter sido extinto.

O *Boi Estrela do GEN*, criado em 2008, é composto por homens aposentados e mulheres idosas aposentadas e/ou pensionistas da Associação dos Amigos do GEN (AAGEN). O *Boi Brilho do SESC*, criado em 1992, é composto por mulheres idosas do

¹ Neste texto, a cultura popular é referida no singular, para falar da manifestação cultural *Bumba meu boi* como um processo de trocas que se reinventa, e não como uma categoria estática. O *Bumba meu boi* é um auto, cujos sujeitos representam papéis diversos: vaqueiros, índios, miolo do boi etc. Apenas o papel de miolo é exclusivo aos homens, em todos os grupos, no Maranhão. Nos grupos estudados, as índias e os índios são representados pelas crianças e pelos adolescentes.

² São entendidas como crianças, neste estudo, sujeitos de até doze anos incompletos e adolescentes, sujeitos entre doze e dezoito anos de idade, como define o Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA (Brasil, 1990).

³ Em alguns momentos, chamaremos grupo do SESC e grupo da AAGEN, referindo-nos aos integrantes do *Boi Brilho*, do SESC e do *Boi Estrela*, do GEN. O primeiro grupo foi criado por uma assistente social que o coordenava, uma professora de Educação Física e idosos do Trabalho Social com Idosos do SESC-Deodoro e SESC-Turismo, segundo esclareceu a Coordenadora atual do grupo. O segundo foi criado por uma enfermeira e uma idosa compositora do Grupo. GEN significa o programa “Gerenciamento do Envelhecimento Natural”, segundo esclareceu a Presidente da Associação e do grupo.

Trabalho Social com Idosos; este grupo se destaca na cidade, pelo número de participantes, indumentária e *performance*. Ambos os grupos reúnem membros da mesma família, como avós e netas(os), bisavós e bisnetas(os): irmãos, pais e filhas(os), tias e sobrinhas(os), esposo e esposa.

Os idosos, em sua maioria, residem em casa própria, acolhendo seus filhos, netos e outros parentes em famílias numerosas com quatro a cinco gerações (uma idosa tem uma tetra neta); alguns idosos moram na casa dos seus familiares (a minoria). Apoiam-se mutuamente na família, sendo significativa a ajuda financeira dos idosos, apesar da renda que varia de um a três salários mínimos. As crianças e os adolescentes estudam, residem com seus familiares (pais, avós, irmãos, tios, primos, bisavós) e iniciam sua participação nos grupos aos seis ou sete anos de idade.

A interação intergeracional observada nas atividades do *Bumba meu boi* nos leva a refletir sobre a participação das gerações mais novas. Concordamos com Manuel Sarmiento, cientista social português conhecido no campo dos Estudos da Infância, quando afirma que:

[...] ao falarmos de crianças, não estamos verdadeiramente apenas a considerar as gerações mais novas, mas a considerar a sociedade na sua multiplicidade, aí onde as crianças nascem, se constituem como sujeitos e se afirmam como actores sociais, na sua diversidade e na sua alteridade diante dos adultos (Sarmiento, 2005, p. 576).

Neste texto refletimos sobre a amizade que se desenvolve neste contexto de experiência cultural, em que destacamos aquela entre a geração das pessoas idosas e as demais gerações familiares. Um ponto essencial aqui evidenciado é que a amizade é ligada ao gênero e à classe social e fundamentada na confiança e no afeto. A amizade está associada à dimensão lúdica, cumplicidade, carinho, amor e se baseia na afinidade, apoio, empatia e melhor percepção do outro, mas comporta relações de desigualdade e tensões. Numa família, a amizade baseia-se no aconselhamento e no apoio, através da conversa (Rezende, 2002) e da confiança. Na velhice, pode se expressar através da sinceridade e da lealdade.

Segundo Erbolato (2001), os amigos são escolhidos pelas mulheres idosas para trocar informações, prover cuidados e suportes emocionais diversos. Portanto, a amizade está associada às redes de suporte social, podendo ser elas caracterizadas como:

[...] conjuntos de pessoas que mantêm entre si laços típicos das relações de dar e receber que lhes permitem manter a identidade social, dar e receber apoio emocional, ajuda material, serviços e informações, e estabelecer novos contatos sociais. Contribuem para que o indivíduo acredite que é cuidado, amado, valorizado e que pertence a uma rede de relações comuns e mútuas. [...] (Capitanini, & Néri, 2004, p. 73).

As redes de suporte social criam nos idosos um sentimento de pertencimento e de utilidade e podem ajudá-los a manter relações qualitativas com a família, com grupos intergeracionais e, principalmente, com amigos da mesma geração, para trocar confiança e partilhar interesses, valores etc. (Erbolato, 2001). Essas considerações nos permitem configurar a amizade como rede de suporte social; logo, como cuidado entre as gerações na família e no espaço público.

A amizade na dimensão de rede de suporte social e, na dimensão política, é propiciada pelo diálogo sobre assuntos diversos, inclusive sobre os problemas da sociedade. A interação entre idosos, crianças e adolescentes da mesma família e as suas amizades foi observada nos arraiais de São Luís, nas apresentações dos grupos do *Bumba meu boi* tradicional⁴ e dos diversos grupos criados por idosos⁵, espaços de intergeracionalidade por excelência (Cuba, 2013).

Neste texto, abordamos a importância da amizade intergeracional como perspectiva de cuidado mútuo e possibilidade de exercício da cidadania dos atores de diferentes gerações envolvidos nos grupos do *Bumba meu boi*. A relevância de se compreender o cuidado entre as gerações, possibilitado pela amizade, ocorre por diversos fatores, entre eles pelo expressivo número de famílias nas quais convivem três ou quatro gerações, no mesmo espaço; convivência essa, que, como veremos, nem sempre é tranquila.

Ao desenvolvermos esta discussão, gostaríamos de destacar que consideramos relevantes os estudos que venham a dar subsídios e estimular a dimensão política da amizade entre as gerações. Entendemos que estes podem contribuir para fortalecer a luta pela conquista dos direitos sociais, firmados nas políticas sociais públicas e, assim, ampliar a cidadania de todas as gerações envolvidas.

⁴ Por tradicional, denominamos todos os grupos, inclusive os para-folclóricos, para diferenciar dos grupos constituídos por idosos, como os pesquisados.

⁵ São Luís possui diversos grupos de *Bumba meu boi* de idosos, entre eles, os grupos ora pesquisados.

Para fundamentar nossa reflexão, partimos de uma discussão conceitual sobre amizade intergeracional, convivência familiar e comunitária, cuidado e suas interfaces com a questão dos direitos dos idosos, das crianças e dos adolescentes. Esses temas serão ilustrados com alguns relatos dos sujeitos que participaram da pesquisa. No que se refere à compreensão da amizade e sua interrelação com o espaço público, as autoras desenvolvem a análise, à luz da teoria política de Hannah Arendt.

Amizade intergeracional mediadora do cuidado

A amizade realça a importância das redes de amigos, que se mobilizam para prover suporte e administrar os cuidados, na forma de ajuda e de apoio recíprocos diversos. Essa forma de relação social constitui também um espaço de participação socialmente construído, sendo praticada pelo diálogo em conjunto entre sujeitos livres e plurais nos espaços públicos de encontros e interações. No entender de Hanna Arendt, a amizade vai muito além de como a sociedade se habituou a vê-la, ou seja: “[...] apenas como um fenômeno da intimidade, onde os amigos abrem mutuamente seus corações sem serem perturbados pelo mundo e suas exigências” (Arendt, 2003, p. 30). Para a autora, a amizade ocorre no espaço público, pelo agir conjunto de todos os sujeitos, sem distinção de gênero, classe, religião, idade etc., mediante o debate de opiniões plurais entre gerações diversas, como uma conversa. Essa conversa, afirma Arendt (2003, p. 31): “[...], ainda que talvez permeada pelo prazer com a presença do amigo, refere-se ao mundo comum [...]”.

Arendt acrescenta que o mundo comum consiste no espaço entre os homens, *locus* de trocas e de relações sociais, expressando-se da seguinte forma:

O elemento político da amizade é que, no diálogo autêntico, cada um dos amigos pode entender a verdade inerente à opinião do outro. [...] ver o mundo [...] do ponto de vista do outro - é uma percepção política por excelência (Arendt, 2008, pp. 59-60).

Nesse sentido, os sujeitos podem se organizar politicamente com suas amizades, construir soluções, reivindicar seus direitos e experimentar o pertencimento a uma coletividade. A ação política, exercitada pela troca de opiniões entre sujeitos livres e plurais no espaço público, permite o surgimento de um novo começo ou natalidade, e a

preservação do mundo. A natalidade indica a entrada no mundo de cada ser humano, enquanto novo ser no mundo; também a esperança de renovação do mundo, com a chegada de novas gerações, suas experiências e percepções (Arendt, 2002).

A amizade, para Hannah Arendt, portanto, está associada à noção de “cuidado com o mundo”, entendido como responsabilidade pelo mundo. Desde que, complementa Heuer: “[...] os cidadãos sejam amigos no sentido de terem interesse na preservação do mundo comum [...]” (Heuer, 2007, pp. 108-109). Logo:

Amizade política pelo cuidado do mundo significa ser consciente da responsabilidade comum pela comunidade [...] e defender a civilização da sociedade com seus valores de liberdade e justiça e de engajar-se para a sua realização (Heuer, 2007, p. 92).

Dessa forma, a importância do aspecto político da amizade, associada à noção de cuidado com o mundo, significa que o mundo comum a todos os seres humanos adquirir a qualidade de “humano”, como afirma Arendt (2003, p. 31), “[...] apenas quando se tornou objeto de discurso” entre os cidadãos”. A qualidade de humano, pelo discurso, é um fato político e de cidadania, uma vez que os sujeitos se expressam publicamente, compartilhando o mundo e a vida com outros cidadãos. Portanto, expressar-se publicamente, compartilhando o mundo e a vida com outros sujeitos possibilita cuidar do mundo e da sua preservação.

A amizade e o cuidado intergeracional na cultura popular são captados na pesquisa de campo que envolveu 84 pessoas, realizada no período de junho a julho de 2016, segundo diferentes percepções que se articulam: dos idosos, das crianças e dos adolescentes, dos brincantes adultos e dos profissionais⁶. Os profissionais, com diferentes idades, formam um grupo intergeracional entre si e interagem com os demais sujeitos, em outras faixas etárias, também praticando a amizade. As crianças e as adolescentes participantes desempenham o papel de índias, sendo netas e bisnetas de idosas participantes do grupo. No SESC, o grupo de índias é composto por meninas e, na AAGEN, esse grupo é composto por meninos e meninas, mas participaram do estudo apenas as meninas.

⁶ Como veremos, muitos dos relatos se aproximam e várias categorias se assemelham nos depoimentos dos grupos, participantes da pesquisa.

No SESC, encontramos três meninas que consideramos jovens adultas com idades de 20, 22 e 27 anos. Elas se inseriram no grupo, na infância, e a acolhida recebida fez com que ali permanecessem. As crianças e as adolescentes do SESC encontram-se com idades entre cinco e doze anos. Participou também da pesquisa, um menino com 17 anos que desempenha o papel de miolo do boi, por carregar o boi artefato (tendo a parte interna vazia, o menino se insere nesse espaço, para dançar com o boi). Ressaltamos uma particularidade em relação aos idosos do SESC, que é a composição dos brincantes apenas por mulheres idosas. Entre as idosas do SESC, sete contam com idades entre 60 e 69 anos, onze idosas de 70 a 79 anos, e oito idosas de 80 a 89 anos.

Na AAGEN, as índias têm idades entre 9 a 11 anos; participou também um menino de sete anos, denominado pelo grupo como brincante mirim. Além deles, participaram dois brincantes adultos, sendo uma mulher com 32 anos que desempenha o papel de mutuca e um homem com 45 anos, no papel de miolo do boi. Na AAGEN, os homes têm as seguintes idades: um, entre 60 e 69 anos; dois, entre 70 e 79 anos; e um, com 93 anos. Entre as mulheres, sete estão entre 60 e 69 anos; e dezessete, entre 70 e 79 anos de idade. Vejamos como esses grupos compreendem a amizade.

Ao falarem da amizade, os sujeitos associam-na ao cuidado, indicando a íntima ligação entre ambas. A amizade entre as pessoas envolvidas no estudo está dimensionada como rede de suporte social, ao cuidarem-se uns dos outros. Também é exercitada na dimensão política, pois como o cuidado baseia-se principalmente no diálogo e na amizade, sendo um direito, ao cuidarem-se uns dos outros, os sujeitos cuidam também da sua cidade, tornando-a mais humanizada, no sentido arendtiano.

O mundo das relações intergeracionais é compartilhado entre avós, filhos e netos, com os amigos, vizinhos e nos programas intergeracionais. Assim, pode-se afirmar que:

Relações intergeracionais implicam o convívio e o relacionamento de várias gerações; podem ser relações entre avós e netos, relações familiares que envolvem mais que uma geração, avó, mãe e filha e relações de trabalho ou de amigos que podem ter idades diferentes [...] (Sequeira, 2014, p. 14).

A intergeracionalidade é expressa na diferença, constituindo “um aspecto vital na mudança social” (Sarmiento, 2005). Sua relevância foi evidenciada em deliberações nacionais e internacionais, sendo as Assembleias Mundiais da ONU sobre o Envelhecimento (Viena, 1982 e Madrid, 2002), emblemáticas ao defenderem, em seu

Plano de Ação⁷, a integração social da pessoa idosa, enquanto convivência com as demais gerações, de acordo com a ideia de uma sociedade para todas as idades. Destacamos, ainda, que a intergeracionalidade contribui para o desenvolvimento pessoal, entendendo que:

[...] esse encontro de gerações abre espaço para conversas do cotidiano. Assim, se conhecem, trocam impressões e opiniões sobre muitos temas. Sem se darem conta, tornam-se amigas. Sabemos que a amizade nasce de um clima de confiança mútua, situação em que se desenvolve a admiração pelo outro e o respeito à diferença (Miranda, 2011, pp. 4-5).

O respeito às diferenças ocorre também na interação dos avós com seus netos, em uma troca recíproca de experiências na família e na cultura, um campo fecundo “fundamental para o desenvolvimento da co-educação entre gerações” (Ferrigno, 2009, p.196). Para Ferrigno, a co-educação constitui uma aprendizagem recíproca, por meio da troca de vivências, em um convívio intenso e mais alongado, aprofundando laços afetivos entre as gerações envolvidas. Acrescentamos, a esse ponto, o fato de que a cultura popular pode também favorecer processos de co-educação e fortalecer a convivência familiar e comunitária, possibilitando o exercício do cuidado mútuo e da cidadania.

As relações intergeracionais, bem como o cuidado no âmbito da família e na esfera pública, estão assegurados como um direito das crianças, dos adolescentes e dos idosos, na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, nos artigos 227, 229 e 230. Essa Carta fundamentou os direitos firmados no Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e no Estatuto do Idoso (2003), em que o Estado reconhece as crianças, os adolescentes e os idosos como sujeitos de direitos, assegurando-lhes tratamento prioritário de proteção por parte da família, da sociedade e do Estado.

O que se preconiza é uma sociedade para todas as idades, como consta dos objetivos da ONU. Isso indica a possibilidade da intergeracionalidade para além das relações familiares, como mostra o Estatuto do Idoso, no Título I, Disposições Preliminares, Artigo 3º, afirmando que:

⁷ Principalmente a de Madrid. Entre os princípios do Plano de Ação estão: “- *independência*, com amplos direitos à liberdade e igualdade de participação na vida social e econômica; - *participação* ativa dos idosos [...]; integração com outras gerações; [...] formação de movimentos e associações de idosos; *cuidados*, com a saúde, apoio familiar e outros; *auto-realização* [...]; e *dignidade* [...]” (ONU, 2002).

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Assim como no item IV, parágrafo único, ao esclarecer sobre a prioridade na “viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações”. Também no Título II, Dos direitos fundamentais, Capítulo V, da Educação, Cultura, Esporte e Lazer, em que o Estado assegura aos idosos a transmissão dos seus conhecimentos e experiências às demais gerações.

Isso é notado, especialmente em dois artigos, a saber: o Art. 21, §2º afirma que: “Os idosos participarão das comemorações de caráter cívico ou cultural, para transmissão de conhecimentos e vivências às demais gerações, no sentido da preservação da memória e da identidade culturais.” O Artigo 22 assegura que: “Nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria.” No contexto desses artigos, se pode compreender até mesmo a transmissão dos valores e práticas educativas, por meio de uma “[...] troca mútua de saberes e afetos, de solidariedades e de diálogo entre os mais velhos e os mais jovens a partir dos conhecimentos e experiências de cada um” (Ramos, 2014, p. 41).

Na pesquisa realizada no Maranhão, em que foi observada a interação entre crianças, adolescentes e idosos, além de ouvi-los em diferentes momentos durante as atividades do *Bumba meu boi*, foi possível compreender bem a importância da amizade intergeracional como mediadora do cuidado⁸. Vimos que a relação entre avós e netos é central nas trocas e como forma de apoio emocional, educativo e instrumental. Sabe-se que os avós têm um papel fundamental na educação e na transmissão da memória e cultura geracional nas relações intergeracionais na família contemporânea (Ramos, 2014).

⁸ A pesquisa foi bem-recebida, o que possibilitou várias oportunidades de diálogo informal, bem como a utilização de diversas técnicas de coleta de dados, como observação participante, diário de campo, entrevistas, fotografias e pequenos vídeos. Todos os participantes assinaram uma autorização, atentando-se para os cuidados éticos a serem respeitados no desenvolvimento da pesquisa.

No *Bumba meu boi*, as crianças e os adolescentes estreitam a amizade e fortalecem a convivência entre gerações de diversas maneiras - pelo diálogo, na companhia dos idosos nos grupos e no trajeto para os ensaios. Isso é prazeroso e significativo, pois ajudam-se mutuamente de forma lúdica, e pelo prazer de dançar, fortalecem o amor recíproco em um cuidado ampliado e informal, espontâneo e incentivado, exercitado na família e no espaço público.

Na percepção das crianças e dos adolescentes, a amizade intergeracional é muito importante, principalmente com relação aos idosos, por vários motivos: para estes terem com quem conversar fora de casa, para se divertirem, relaxarem, terem mais saúde e para exercitarem a memória. Pois tudo, muitas vezes, torna-se complicado, principalmente, devido à residência distante e ao tempo necessário para as atividades escolares que dificultam uma convivência, com mais tempo, com suas avós. Embora os homens-avós participem da AAGEN, raramente são citados pelas netas. Talvez por elas terem maior proximidade com suas avós e bisavós. Estas observações se aproximam daquelas do estudo de Ramos (2011), em que os avôs envolvem-se menos no cuidado intergeracional:

“[...] por causa do Boi, nós estamos ficando mais juntas [...] está nos aproximando mais e mais [...].” (Índia Jade, 12 anos, SESC).

“[...] a gente fica junta e fica reunida [...] (assim) [...] Tudo juntinho. Faz uma família.” (Índia Izabela, 10 anos, AAGEN).

Para os idosos, compartilhar a convivência entre as gerações, é importante e necessária, porque, dentre outros motivos, as crianças e os adolescentes, “[...] Aprendem a ser mais sociais, fazer novas amizades [...]” (Aurora, 76 a., SESC). A amizade entre as gerações, na percepção dos idosos, constitui um direito de interação pelo diálogo e é uma via de mão dupla, expressando cuidado e “prazer de ajudar”, amor e carinho, comunicação, alegria, gratificação e felicidade, também melhorando a saúde e a convivência. Ademais, propicia um sentimento de utilidade e de valorização, aprendizagem mútua, pela troca de conhecimentos e de experiências. Os idosos brincam com os netos, trocam afeto, e repassam exemplos e princípios, enquanto as crianças e os adolescentes, afirma uma das idosas, ensinam-lhes “[...] a mergulhar nos avanços da tecnologia e a aceitação da modernidade. [...]” (Pareca, 72 anos, AAGEN).

Já sob o ponto de vista dos profissionais entrevistados, estes entendem que a amizade é um relacionamento inerente à vida. A amizade é exercitada entre as gerações e significa aprendizagem, amor, confraternização. A aprendizagem, no contexto da amizade, estimula a convivência e dinamiza o cuidado intergeracional, tornando os idosos (homens e mulheres) mais ativos e melhorando o desempenho dos netos. Acrescentam ainda que a amizade é importante como troca de experiência, afeto, união, dever, obrigação, direito universal, necessidade e evita o isolamento. E que está associada a uma multiplicidade de aspectos que enriquecem suas vidas, como: convivência, respeito que evita o preconceito, consideração, confiança mútua, parceria, compreensão, ajuda mútua incondicional, sociabilidade, orientação, educação, bem-estar, qualidade de vida e saúde.

Na experiência do *Bumba meu boi*, observamos que a amizade intergeracional é expressa de forma simbólica: na coreografia, no entrelaçamento dos idosos com as crianças e os adolescentes. Essa interação indica um cuidado intergeracional, enquanto responsabilidade e preocupação. Os depoimentos abaixo ilustram esse ponto:

“[...] É uma fusão de idade [...] um grupo só [...] (onde) todos têm o mesmo lugar, o mesmo espaço, no mesmo ambiente [...]” (Vovô, prof., SESC).

“[...] É um direito de ter a troca de experiências [...] de que as crianças aprendam [...] e vá preparado pra sociedade [...] pra destacar os direitos, o respeito, o amor pelos idosos e a [...] agregação de trazer os idosos como amigos [...]. Os adolescentes, [...] assumindo mais papéis de cuidados [...] dos idosos. E os idosos [...], como ele se sente amado é também o direito de que ele dê amor [...]” (Daivinho, prof., AAGEN).

Para marcar bem esse aspecto, voltamos a citar Ferrigno sobre a importância do encontro de gerações na cultura popular:

Nas tradições populares os velhos possuem os conhecimentos necessários para a preparação e a execução de rituais e eventos festivos de suas comunidades. Por isso, são vistos como importantes e são reconhecidos e prestigiados pelos jovens. [...] (N)as festas juninas, entre tantas outras [...] os velhos [...] são muito respeitados pelos mais moços, que muito aprendem com eles [...] (Ferrigno, 2009, p. 141).

Essas atividades culturais são muito ricas em conteúdo e permitem que todos os presentes participem. Nesse contexto, convém destacar que a experiência interativa através do *Bumba meu boi* constitui um espaço fecundo de amizade e de cuidado, permitindo fortalecer a convivência familiar e comunitária das pessoas envolvidas nas diferentes gerações.

Convivência familiar e comunitária como expressão de cuidado

A convivência de várias gerações na mesma família, com a possível presença de bisavós, avós, pais, filhos, netos e bisnetos, convida à reflexão sobre o fortalecimento da convivência familiar e comunitária, que favoreça a troca de cuidados. A família vem se organizando de diversas formas, para além da consanguinidade, apresentando oportunidades e também desafios enquanto uma rede extensa de apoio mútuo.

A despeito das rápidas transformações que vêm ocorrendo na estrutura e dinâmica das famílias nas últimas décadas, ela permanece como um espaço privilegiado de proteção e pertencimento (Rizzini, Irene (Coord.), Rizzini, Irma, Naiff, & Baptista, 2007). Além da possibilidade de apoio mútuo entre as gerações, a família constitui também um espaço de contradições e conflitos, sendo de fundamental importância o apoio à família no cuidado com os filhos, sobretudo aquelas que vivem em contextos de alta vulnerabilidade. Isso significa fortalecer os elos familiares e comunitários e atentar para as relações intergeracionais.

A família é lugar de construção de vínculos, laços intergeracionais, cuidado, transmissão das tradições culturais, valores e de integração dos seus componentes na comunidade (Szymanski, 2002; Ramos, 2014). A possibilidade de permanecer nesse grupo rompe com a prática histórica da institucionalização dos idosos, das crianças e dos adolescentes (Rizzini, Irene, Rizzini, Irma, Naiff, & Baptista, 2005); Rizzini, 2011). Assim como o estabelecimento de relações de confiança entre as gerações vem a favorecer e fortalecer a convivência e os elos familiares, sendo relevante para o desenvolvimento interpessoal das crianças, dos adolescentes e dos idosos.

A família, como primeiro espaço de socialização, prepara as novas gerações para a vida em sociedade. Para isso, depende das gerações que as antecedem e do cuidado que possam prover. Os laços intergeracionais fortalecidos podem evitar a segregação

geracional e preservar os direitos das crianças, dos adolescentes e dos idosos. Como vimos argumentando neste texto, os espaços de interação entre pessoas de diversas faixas etárias, por meio de sua participação nos grupos de *Bumba meu boi* do SESC-Deodoro e da AAGEN, podem fortalecer a convivência familiar e comunitária e contribuir para promover o cuidado intergeracional.

Cuidado entre gerações na perspectiva dos direitos

A prática do cuidado⁹ para com os idosos, crianças e adolescentes, que vem sendo desempenhada historicamente pelas mulheres (esposas, filhas, mães, avós etc.), emerge como preocupação e necessidade a ser atendida por uma rede de apoio social, integrando em uma ação conjunta, a família, o Estado e a sociedade. Trata-se de uma questão pertinente à esfera das políticas públicas, sobretudo das políticas sociais, dependente de priorização política e provisão orçamentária. Nesse sentido, há que se levar em consideração o descompasso entre a taxa de idosos e de crianças e adolescentes existente na demografia do nosso país. Há uma desproporção entre a população de idosos, crianças e adolescentes, o que interfere diretamente na demanda pela provisão de cuidado.

Os dados abaixo ajudam a ilustrar este ponto e a corroborar o argumento sobre a importância da amizade e do cuidado entre as gerações. Principalmente porque se observa um aumento progressivo de brasileiros maiores de 60 anos definidos como idosos pelo Estatuto do Idoso. Em 2017 eram 30,2 milhões de idosos (16,9 milhões de mulheres e 13,3 milhões de homens), de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE (2018a). Estima-se que se esse célere envelhecimento da população se mantiver, em 2031, haverá mais idosos do que crianças entre 0 a 14 anos no Brasil e, em 2060, um quarto da população brasileira terá mais de 65 anos (IBGE, 2018b). Essas evidências desafiam as políticas sociais, que vão necessitar de mais investimentos em ações voltadas para esse segmento da população, exigindo políticas que possibilitem o cuidado nessas faixas etárias.

Além desses desafios, um conjunto de problemas, como preconceito, estereótipos, pobreza, desigualdade e outros, persiste em nosso país, atingindo os idosos, as crianças e

⁹ Neste artigo, tratamos do cuidado informal, bastante frequente na família, considerando a fragilidade e a descontinuidade de políticas públicas que fortaleçam essa forma de apoio como um direito social. O cuidado formal é realizado em instituições por cuidadores profissionais (Ramos, 2011).

os adolescentes, como formas de expressão da “questão social”. Como afirma Yamamoto, a questão social está para além da pobreza e da desigualdade. Isso porque:

Ela expressa a banalização do humano, resultante de indiferença frente à esfera das necessidades das grandes maiorias e dos direitos a elas atinentes. Indiferença ante os destinos de enormes contingentes de homens e mulheres trabalhadores submetidos a uma pobreza produzida historicamente (e, não, naturalmente produzida), universalmente subjugados, abandonados e desprezados, porquanto sobranes para as necessidades médias do capital (Yamamoto, 2009, p. 22).

Os problemas gerados diante do quadro de profundas desigualdades historicamente enraizadas no país apresentam desafios também no campo das relações intergeracionais. Além da necessidade de maior investimento das políticas sociais públicas para promoverem ações voltadas para todas as gerações e efetivar seus direitos sociais, destaca-se a dimensão de cuidado intergeracional. Voltamos à concepção política arendtiana, na qual cuidar “é uma atitude diante da necessidade do outro”, pois cuidando do outro, os sujeitos cuidam do mundo (Ambrosio, 2012, p. 302). Isso ocorre, porque estando o cuidado alicerçado na amizade como dimensão política, beneficia uma coletividade, uma comunidade (Cuba, 2013).

Esse foi um ponto claramente expresso na pesquisa realizada, em que cuidado, nos relatos dos idosos, das crianças, dos adolescentes e dos profissionais representam preocupação, responsabilidade e atenção e se fortalece, a partir da amizade. No transcorrer da pesquisa, foi possível observar que o cuidado é expresso simbolicamente, em especial, na coreografia, considerada a mais importante pelos idosos, pelas crianças e pelos adolescentes. No exercício dessa coreografia, os idosos fazem um círculo, ficando as crianças e os adolescentes, no seu interior, indicando proteção e cuidado. As crianças e os adolescentes demonstram a amizade e o cuidado pelo diálogo, pois gostam de brincar e de conversar entre si e com os idosos¹⁰, trocando experiências com suas avós e suas bisavós sobre “vários assuntos”, como a dança, as roupas, as coreografias, a situação da cidade e a política. O depoimento abaixo mostra o quanto isso é importante:

¹⁰ Os idosos são considerados pelos jovens como avós, e estes os veem como netos.

“[...] Porque [...] não se torna um assunto só de adolescente [...] (mas) entre todos. [...] . [...] com o avanço, de muita tecnologia, quase não tem mais conversa entre jovens e jovens, entre idosos e idosos. Então, o único momento que a gente tem pra compartilhar, [...] (é) nas horas das brincadeiras que a gente não tá com o celular na mão [...]” (Índia Madalena, 20 anos, SESC).

A partir do exercício da amizade, as mais jovens ajudam as idosas, também nos passos e na dança, na indumentária (abotoar a roupa, a calçarem seus sapatos, se arrumar, se vestir), a atravessar a rua, a transportar o carrinho de compra, acompanhando-as ao ponto de ônibus e fazendo sinal para que os motoristas parem. Como constatamos, cuidar e receber cuidados das idosas, das avós e bisavós, têm diversos efeitos positivos; entre eles: melhora o estudo, a convivência, o comportamento, o desenvolvimento de todos os envolvidos; traz felicidade, enriquece a conversa e o uso das palavras, constituindo uma aprendizagem de respeito à população idosa.

Com as avós, as índias e o brincante-mirim do estudo, viajam, passeiam, compram roupas, divertem-se, cantam, arrumam a casa, aprendem a lidar com os conflitos, a conviver com os demais idosos e com eles fazem amizades, estimulados pelas avós. Inclusive o cuidado que, tanto as crianças, como os adolescentes e os idosos recebem dos profissionais é marcante para os idosos, verbalizando uma das idosas que se sente “prestigiada” (Aurora, 76 anos, SESC) e estimula a sua participação, bem como das crianças e dos adolescentes. Esse é um ponto que se aproxima das ideias de Tarallo (2015, p. 50), ao esclarecer que o estímulo à troca intergeracional pelos “[...] pais ou profissionais, instiga o envolvimento, o cuidado e o contato mais profícuo entre avós e netos”. As crianças e as adolescentes participantes do estudo relatam que são levados por suas avós à escola e à igreja, e até as bisavós contam histórias.

O cuidado intergeracional, na visão das índias é importante, pois aprendem a importância e a necessidade de serem cuidadas, em sua velhice:

“Porque [...] a gente vai ser um dia, elas também, né? Então é importante, sim, porque elas um dia também, foram que nem a gente. Foram crianças. [...] Então, a gente tem que tentar (com) a geração em diante, pra fazer isso com a gente [...].” (Índia Margarida, 10 anos, SESC).

A pesquisa nos ajudou a compreender algo que muitos repetiam: que, nos grupos, “todo mundo é família”, pois há “união”, integração e abertura para o outro. Observa-se a presença de um cuidado recíproco entre as crianças e os adolescentes e dos idosos para com eles. Esse cuidado por vezes é expresso pelas idosas “chamando a atenção”, como Rosa Vermelha (72 anos, SESC). Vejamos o que diz uma das idosas sobre o ato de cuidar das crianças e das adolescentes do grupo:

“[...] é muito gratificante [...]. É [...] alegria, [...] graciosidade, [...] comunicação, [...] brincar com elas, [...] dizendo umas piadas, sorrindo, cantando junto [...] e, às vezes, chamando a atenção também [...]. Quando elas estão brincando, que a gente olha nos olhos delas, [...] sorrindo, tudo alegre, gracejando com um sorriso de orelha a orelha e [...] se sacudindo, [...] a gente se sente feliz [...]” (Rosa Vermelha, 72 anos, SESC).

Chamar a atenção indica um cuidado e uma forma de educar, pela experiência que as idosas avós e bisavós transmitem, principalmente às suas netas e bisnetas ainda crianças e adolescentes. Por exemplo, quando as meninas tentam afastar-se do grupo e atravessar a rua, sozinhas.

Testemunhamos também uma outra forma interessante de cuidado: são as mulheres que cuidam como “mutucas”¹¹, ou seja, não fazem parte do corpo de dança:

“[...] na linguagem popular, mutuca é quem acompanha os brincantes do Boi. Então, quem não dança, é mutuca. Vai, pra ver, porque fica satisfeito de ver os companheiros dançando o Boi.” (Coordenadora – AAGEN)¹²

As mutucas sentem-se bem, cuidando de todos do grupo, de várias formas: pelo diálogo, segurando as roupas e as sacolas, brincando com as crianças e os adolescentes. Estão sempre disponíveis e participam “de todos os movimentos do Boi”, como esclarece uma delas, Mônica (70 anos, AAGEN):

¹¹ Essa denominação é usada no *Bumba meu boi* tradicional para as esposas, mães, irmãs, pois estas ficam de fora e levam café, cachaça e outras coisas para que os seus parentes possam brincar a noite toda. Mutucas são moscas grandes que picam as pessoas e se afastam rapidamente. Sua picada é bem dolorida.

¹² No SESC, essa forma de cuidar foi menos expressa.

“[...] os idosos vão precisando [...] de cuidados, e aí a gente acaba se doando sem mesmo alguém pedir e [...] a minha doação [...] eu faço de coração. Porque eu gosto mesmo.” (Tatá, 32 anos, AAGEN).

“[...] ela traz um brinquedinho que eu ensino lá, pra ela, que eu brincava na minha época. [...]” (Laís, 78 anos, AAGEN).

Para os profissionais entrevistados, o cuidado intergeracional na cultura popular representa cumplicidade, carinho, afeto, direito, alegria, respeito, integração e sociabilidade. Como afirmam, há um aspecto educativo e permite uma multiplicidade de ganhos, como extroversão, empolgação, quebra de paradigmas, crescimento pessoal e profissional; aumenta a autoestima, além de fortalecer laços afetivos. Na percepção deles, os avós cuidam dos netos de várias formas: brincam, conversam (trocam ideias), contam histórias, cantam, aconselham, fazem companhia, ajudam na indumentária, na maquiagem das crianças. Dessa forma, constitui:

“[...] um momento muito rico, de aproximação delas, [...] de contato não só verbal, mas [...] físico, [...] entre olhares.” (Coordenadora, SESC).

Falam também das tensões e dos conflitos que permeiam o cuidado na vivência das idosas do SESC, como por exemplo quando recebem a visita dos filhos para solicitar auxílio financeiro. Um outro caso relatado foi um conflito relacionado à mudança de religião das netas, não permitindo continuar no grupo, para não expor o corpo na roupa minúscula. Além disso, ocorrem brigas entre as idosas, puxando o cabelo, benzendo, fazendo escândalo, chamando “nomes”¹³ e outras formas, deixando “magoadas” e “chateadas” as idosas do SESC, entre elas, Juju (66 anos, SESC) e Buquet de Noiva (83 anos). Apesar de serem superadas por elas, essas formas de conflito expressam uma diversidade existente entre as idosas.

Ao buscar compreender melhor as posições que os idosos ocupam em suas famílias e nos grupos estudados, vimos que, para além dos conflitos, é marcante o lugar social de cuidadores. Como os homens idosos participam menos da atividade de cuidar, bem como os meninos, são as idosas (avós e bisavós) mais referidas e, com frequência,

¹³ Palavrões.

consideradas como segunda mãe. Inclusive, algumas delas detêm a guarda de uma neta e/ou da bisneta.

Fica evidente que o cuidado mútuo entre as mulheres idosas, os homens idosos (avós e as bisavós) e as netas, os netos e as bisnetas representa uma troca de conhecimentos, o que fortalece elos de amizade na família e no espaço público dos grupos estudados. Consideramos que essa forma de amizade e de cuidado intergeracional tem uma dimensão política que se aproxima da concepção de ação política de Arendt (2002), ou seja, um diálogo entre os sujeitos plurais na esfera pública de uma cidade.

Considerações finais

Gostaríamos de concluir este texto com a reflexão de que a amizade exercitada no *Bumba meu boi* tem o potencial de atualizar conhecimentos e desconstruir preconceitos e estereótipos impregnados em nossa sociedade. Propicia, principalmente, uma aprendizagem de respeito mútuo e um cuidado intergeracional no espaço público, sendo este inovador, pois ultrapassa o espaço da família, lugar tradicional do cuidado, e passa a ocupar espaços públicos, motivo pelo qual pode fortalecer o convívio familiar e comunitário das diferentes gerações.

As tensões vivenciadas no grupo não impedem o cuidado recíproco entre as gerações. A prática do cuidado na sociedade, pela participação ativa dos idosos, das crianças e dos adolescentes no *Bumba meu boi*, envolve uma ética e uma crítica, em que todos os integrantes cuidam da preservação da cultura popular e exercitam a sua cidadania.

A análise do ponto de vista intergeracional com o referencial teórico utilizado preenche importante lacuna nas pesquisas relacionadas ao cuidado informal e à amizade entre os idosos, as crianças e os adolescentes em nosso país.

A pesquisa aponta para a necessidade de ações que estimulem o estreitamento de laços que venham fortalecer a convivência familiar e comunitária dos idosos, das crianças e dos adolescentes, possibilitando o cuidado intergeracional mediado pela amizade entre as diversas faixas etárias na família e na sociedade.

Esperamos que o presente estudo possa contribuir para aprofundar o conhecimento sobre questões ainda tão pouco analisadas como a amizade e o cuidado

intergeracional. Que ele possa fornecer subsídios para políticas públicas, que visem a fortalecer o cuidado e assegurar os direitos dos idosos, das crianças e dos adolescentes. Que essas reflexões inspirem o debate sobre o cuidado entre as gerações, inclusive mediado pela amizade na cultura popular.

Referências

Ambrosio, E. R. (2012). *Cuidado e família: uma análise compreensiva do modo de caminhar a vida dos cuidadores de idosos*. Tese de doutorado. Departamento de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (RJ). Recuperado em 05 julho, 2017, de: <https://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>.

Arendt, H. (2002). *A condição humana*. Trad.: Roberto Raposo. (10ª ed.). Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP: Forense Universitária.

_____. (2003). *Homens em tempos sombrios*. Trad.: Denise Bottmann. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

_____. (2008). *Promessa da política*. Trad.: Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL.

Assunção, M. R. (1999). Cultura popular e sociedade regional no Maranhão do século XIX. *Revista de Políticas Públicas*, 3(1), 29-66. Recuperado em 10 dezembro, 2018, de: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/3672/1670>.

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Recuperado em 20 janeiro, 2019 de: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm.

_____. (1990). *Lei n.º 8069*. Dispõe sobre o Estatuto da criança e do adolescente e dá outras providências. Brasília, DF, 13 jul. 1990. Recuperado em 02 fevereiro, 2016, de: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L8069.htm.

_____. (2003). *Lei n.º 10.741/2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso. São Paulo, SP: Ed. Escala.

Capitanini, M. E. S., & Néri, A. L. (2004). Sentimentos de solidão, bem-estar subjetivo e relações sociais em mulheres idosas vivendo sozinhas. In: Néri, A. L., & Yassuda, M. S. (Org.). *Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos*, 71-89. Campinas, SP: Papirus.

Chauí, M. S. (1985). *Política Cultural*. (2ª ed.). Porto Alegre, RS: Mercado Aberto.

Cuba, C. de M. G. B. (2013). *O guarnicê dos idosos: amizade e cidadania nas universidades da terceira idade de São Luís (MA) e do Rio de Janeiro (RJ)*. Tese de doutorado. Departamento de Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (RJ).

Erbolato, R. M. P. (2001). *Contatos sociais: relações de amizade em três momentos da vida adulta*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (SP).

Ferrigno, J. C. (2009). *O conflito de gerações: atividades culturais e de lazer como estratégia de superação com vistas à construção de uma cultura intergeracional solidária*. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo (SP). Recuperado em 18 junho, 2017, de: <http://docplayer.com.br/26197671-Universidade-de-sao-paulo-instituto-de-psicologia-jose-carlos-ferrigno.html>.

Heuer, W. (2007). Amizade política pelo cuidado com o mundo: sobre política e responsabilidade na obra de Hannah Arendt. *História: Questões & Debates*, 46(1), 91-109. Recuperado em 26 janeiro, 2019, de: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/11327>.

Iamamoto, M. V. (2009). O Serviço Social na cena contemporânea. In: *Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais*, 01-46. Brasília, DF: CFESS.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018a). *Projeção da População 2018: número de habitantes do país deve parar de crescer em 2047*. Agência de Notícias. Recuperado em 27 janeiro, 2019, de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/21837-projecao-da-populacao-2018-numero-de-habitantes-do-pais-deve-parar-de-crescer-em-2047>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2018b). *Em 2017, expectativa de vida era de 76 anos*. Recuperado em 27 janeiro, 2019, de: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23200-em-2017-expectativa-de-vida-era-de-76-anos>.

Miranda, D. S. de. (2011). Por uma sociedade para todas as idades. Editorial. *A terceira idade*, 22(50), 4-5. Recuperado em 02 fevereiro, 2018, de: https://www.sescsp.org.br/files/edicao_revista/7608a3dc-44a2-49f7-a1be-b84dfb69720a.pdf.

Organização das Nações Unidas (ONU). (2002). *Declaración Política y Plan de Acción Internacional de Madrid sobre el Envejecimiento*. Segunda Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento Madrid/ES. Recuperado em 22 fevereiro, 2016, de:

<https://social.un.org/ageing-working-group/documents/mipaa-sp.pdf>.

Ramos, A. C. (2011). *Meus avós e eu: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre (RS). Recuperado em 02 janeiro, 2018, de: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/32306?show=full>.

Ramos, N. (2014). Avós e netos através da(s) imagem(s) e das culturas. In: Ramos, N., Marujo, M., & Baptista, A. *A Voz dos Avós: migração, memória e patrimônio cultural*, 33-56. Coimbra, Portugal: Gráfica de Coimbra, Pro-dignitate, Publicações Ltda.

Rezende, C. B. (2002). *Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade*. Rio de Janeiro, RJ: FGV.

Rizzini, Irene, Rizzini, Irma, Naiff, L., & Baptista, R. (2005). Crescer em família: revisitando concepções e práticas com vistas à promoção do direito à convivência familiar e comunitária. *O Social em Questão*. Ano 9(14), 09-30. Recuperado em 14 outubro, 2017, de: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/v14n14a02.pdf>.

Rizzini, Irene. (Coord.), Rizzini, Irma, Naiff, L., & Baptista, R. (2007). *Acolhendo crianças e adolescentes: experiências de promoção de direito à convivência familiar e comunitária no Brasil*. (2ª ed.). São Paulo, SP: Cortez; Brasília, DF: UNICEF; CIESPI; Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio.

Rizzini, I. (2011). *O século perdido. Raízes históricas da assistência à infância no Brasil*. (3ª ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Sarmiento, M. J. (2005). Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, 26(91), 361-378. Recuperado em 15 abril, 2018, de: <https://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/edicao/127>.

Sequeira, M. S. (2014). *Avós e Netos: Uma Relação Intergeracional na Perspetiva dos Avós - Uma realidade na Freguesia de Alpalhão*. Dissertação de mestrado. Instituto Politécnico de Portalegre, Escola Superior de Educação de Portalegre, Escola Superior de Saúde de Portalegre. Portalegre, Portugal.

Szymanski, H. (2002). Teoria e “Teorias” de Famílias. In: Carvalho, M. do C. B. (Org.). *A Família Contemporânea em Debate*. (4ª ed.). São Paulo, SP: Cortez.

Tarallo, R. dos S. (2015). As relações intergeracionais e o cuidado do idoso. *Revista Kairós-Gerontologia*, 18(19), 39-55. Recuperado em 10 agosto, 2017, de: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/26592/19018>.

Recebido em 13/05/2019

Aceito em 30/08/2019

Conceição de Maria Goulart Braga Cuba - Doutorado e Pós-Doutorado em Serviço Social - PUC-Rio. Assistente Social da UnATI-UERJ. Rio de Janeiro, RJ.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5870-3321>

URL: <https://orcid.org/0000-0001-5870-3321>

E-mail: cmgoul@gmail.com

Irene Rizzini - Socióloga, Doutora pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ). Pós-Doutorado, University of Edinburgh, Edinburgh, Escócia. Pós-Doutorado. University of Notre Dame, UND, Estados Unidos. Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Diretora-Presidente do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância (CIESPI), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1154-7998>

URL: <https://orcid.org/0000-0002-1154-7998>

E-mail: irizzini.pucRio.ciespi@gmail.com